



ANÁLISE DOS CASOS DE ESQUISTOSSOMOSE NOTIFICADOS EM MINAS GERAIS ENTRE OS ANOS DE 2011 E 2020

Samanta de Abreu Gonçalves¹; Daniel Madeira Cardoso²

1. Médica formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares;
2. Discente de medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares. (samanta.trab@hotmail.com)

Introdução/Fundamentos

A esquistossomose é um problema de saúde pública em Minas Gerais (BRASIL, 2014). Na forma hepatoesplênica há fibrose periportal, podendo culminar em hipertensão portal, insuficiência hepática e óbito (BRASIL, 2014; REY, 2018; VERONESI-FOCCACIA, 2015).

Objetivos

Analisar os casos de esquistossomose notificados em Minas Gerais entre 2011 e 2020.

Métodos

Estudo ecológico com dados secundários de domínio público, disponíveis no Portal de Vigilância da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2021). Incluíram-se as informações: macrorregião, município, sexo, faixa etária, escolaridade, forma clínica, desfecho e ano. Os tamanhos populacionais também foram obtidos do Portal para calcular os coeficientes de incidência (CI). As variáveis estudadas foram associadas a partir do cálculo de *Odds Ratio*; e o comportamento dos CI ao longo da série histórica considerada foi interpretado por intermédio da regressão linear simples. O programa estatístico utilizado foi o *Graphpad Prism 7* e valores de $p < 0,05$ foram fixados como significativos.

Resultados

Totalizaram-se 37.535 casos, dos quais 159 evoluíram para óbito (letalidade de 0,4%). Houve destaque para a macrorregião Vale do Aço ($n=10.438$; 27,8) e município Belo Horizonte ($n=3.148$; 8,3%). Quanto às características sociodemográficas, frisa-se sexo masculino ($n=23722$; 63,2%), idade 25 a 34 anos ($n=7025$; 18,7%) e escolaridade 5ª a 8ª série do ensino fundamental incompleta ($n=5139$; 13,7%). A forma hepatointestinal foi predominante ($n=18.591$; 49,5%); enquanto a forma hepatoesplênica ocorreu em 738 casos (1,9%). Indivíduos do sexo masculino apresentaram 1,4 vezes mais chances de desenvolver a forma hepatoesplênica (95%IC=1,2-1,6; $p < 0,0001$); e 1,5 vezes mais chances de óbito por esquistossomose (95%IC=1,06-2,21; $p=0,0198$). Quanto à análise temporal, o maior número de notificações foi em 2011 ($n=11.777$; 31,3%), com redução expressiva até 2020 ($n=1.050$; 2,7%). Algo semelhante foi percebido nos CI, com 58 acometidos para cada 100.000 habitantes em 2011; e queda para 5 acometidos para cada 100.000 habitantes em 2020. Houve correlação entre o passar dos anos e queda nos CI ($r^2=0,6392$; $p=0,0055$).

Figura 1. Óbitos por esquistossomose em Minas Gerais, entre 2011 e 2020



Figura 2. Número de casos de esquistossomose em Minas Gerais, entre 2011 e 2020



Conclusões/Considerações Finais

Para manutenção da redução dos casos e com o intuito de evitar morbidade e mortalidade, ressalta-se a importância da implementação de intervenções majoritariamente na macrorregião de destaque e entre indivíduos que se encaixam no perfil encontrado: homens, adultos jovens, com baixo nível de escolaridade, provenientes de áreas endêmicas.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Vigilância da esquistossomose mansoni: Diretrizes técnica**. Brasília (DF); 2014.
- MINAS GERAIS. Portal de Vigilância em Saúde. Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais – Doenças/Agravos de notificação compulsória. 2021. Disponível em: <http://vigilancia.saude.mg.gov.br/index.php/informacoes-de-saude/informacoes-de-saude-tabnet-mg/>. Acesso em 15 fevereiro de 2021.
- REY, L. **Parasitologia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.
- VERONESI-FOCCACIA. **Tratado de Infetologia**. 5 ed. São Paulo: Atheneu, 2015.